

Restolho

Caput

Num certo sentido, Manu parecia-se com Robert de Niro. Talvez fosse por ter jogado boxe como profissional. Noutra sentido, parecia-se com ele mesmo, o tipo que fugiu para o mato para se alhear da civilização, tal como um monge ou frade entra num convento, depois de tanta preparação, para se sentir finalmente livre em Deus.

A loucura sadia é um campo aberto de solidão. Por vezes um deserto, onde se aninhou Charles de Foucauld a loucura é um panótico, uma doença singular, de civilização e assim que nos morde os calcanhares, nunca mais nos deixa, a não ser que a entreguemos em oblação ao Bom Deus. Mas temos de O adorar continuamente, dependendo d'Ele, não podemos substituí-LO no seu papel nem sequer para com os irmãos. Assim, todo o homem que não acredita em deus, julga Ser Deus, ou o contrário, o Diabo, tal como conta o episódio das tentações de Cristo no deserto, mas também as Tentações de Santo Antão, de Jeronimus Bosh...

Sabes porque os ciganos são nómadas, de resto? Para não enlouquecerem, pois o sedentarismo causa dependência a demasiadas leis. Olha o que aconteceu a Robinson Crusóé... se não fosse o Sexta-Feira, decerto que estaria tão louco quanto mais leis a governar a sua rotina quotidiana no que muitos acham ser o paraíso, pois todos querem conviver, ninguém quer ser considerado autista, nem por sombras, por isso se cultiva uma cultura do excesso, ou seja, a ver quem faz mais, quem estraga mais, quem conserta mais, enquanto competição, enquanto porfia do Outro...

Sim, tinha um Missal no Estúdio onde pintava, aberto, que atualizava todos os dias. Recebia uma revista de Estudos Bíblicos, que deixou de chegar à caixa do correio por um mês ou dois sem pagar a assinatura. Tinha também a Liturgia das Horas aberta, tudo livros ainda dos tempos do Seminário, como um pequeno Oratório em que entregava os meus sentimentos de importância. O Missal era dominical e o outro era ferial, ou seja, para os dias da semana. Mas fazia, nesse dia, um mês que não ia à missa. Sentia falta, mas ninguém me dizia nada ou convidava.

Para a Igreja eu ainda esta uma espécie de diabinho vermelho mais ou menos crítico, para outro era o antigo seminarista que se comportava bem demais, em abono da verdade e que soubera dar a volta num caso de abuso, entre outros...

Um belo dia, recolhi esses livros sagrados na gaveta. Deixei a vela arder até ao fim, juntamente com o incenso, que me fazia lembrar a Sé de Leiria. Tinha sido. Agora era, ou não era. Pertencia, mas só simbolicamente. E, por isso, precisava urgentemente de fazer novos amigos, crentes ou não. Simplesmente.

Victor Mota